

## **Os percalços do continente africano experimentados no filme *Adú***

Matheus Rocha Carvalho

### **Ficha técnica**

Título: *Adú* (Original).

Ano da produção: 2020.

Dirigido por: Salvador Calvo.

Estreia: 30 de Junho de 2020.

Duração: 119 minutos.

Classificação: 12 anos.

O filme espanhol “*Adú*”, do diretor Salvador Calvo e do roteirista Alejandro Hernández, estreou no ano de 2020, na plataforma de streaming Netflix. Esta película reproduz a história de três personagens, *Adú*, o menino camaronês, *Mateo*, o guarda civil e *Gonzalo*, o ativista ambiental, que se cruzam e se conectam através da jornada do jovem camaronês em busca de um abrigo que não coloque a sua vida em risco por ele ter sido testemunha da atuação de caça furtiva.

Por sua vez, a imigração é o enfoque do longa metragem e é também a engrenagem para demonstrar os dilemas enfrentados pelos migrantes que saem da África em direção a Europa. A partir disso, nesta resenha, se analisa e problematiza os seguintes três pontos: primeiro, o poder dos caçadores furtivos sobre os habitantes locais; segundo, a impunidade permissiva concedida aos guardas civis espanhóis e, por último, o elo entre a prostituição e a migração.

Em um primeiro momento, a autonomia e a soberania dos caçadores furtivos sobre os povos nativos se observa por meio do personagem *Adú*, do senhor *Neko* e da mãe de *Adú*. Essa realidade é representada em dois momentos: um, no qual, o senhor *Neku*, um homem com vínculos com os grupos criminosos, por encomenda das milícias, investiga se a bicicleta encontrada no lugar do crime é de *Adú*. Durante essa cena, se exemplifica o poderio dessas gangues com o fornecimento dos tanques de água dado por eles às casas da aldeia. Enquanto, a outra, é a qual os criminosos matam a sangue frio a mãe de *Adú*, quando invadem a sua casa para buscá-lo, e a sua irmã por terem presenciado as ações ilegais dos traficantes.

Dessa maneira, com precisão, o roteirista e o diretor buscam representar, no filme, a influência e a autoridade que esses bandidos possuem sobre o povoado retratado, ao conhecer a todos que vivem no vilarejo, ao cumprir a função de estado provedor e ao ter autonomia para

assassinar livremente aqueles que os colocam em posição de ter que responder por seus atos cometidos.

Além disso, em outro momento da narrativa, a permissividade dos guardas civis espanhóis se nota diante dos relatos entre os personagens Mateo e os dos outros companheiros que patrulham a cerca que separava o território espanhol e a cidade de Melilla, no Marrocos, no dia da morte de Tatu.

Esse quadro se ilustra na circunstância em que o personagem responsável por atacar a Tutu mostra-se completamente seguro de que a justiça não irá puni-lo e nem aos seus cúmplices pelas condutas violentas contra o imigrante assassinado, ao afirmar, com convicção, que não havia caso para prosseguir com o julgamento, mesmo com a apresentação de evidências concretas compostas por gravações e por testemunhas oculares que comprovaram a existência do crime. Dessa forma, ao final dessa obra cinematográfica, Salvador Calvo e Alejandro Hernández expõem que a justiça espanhola é tolerante às condutas criminosas dos guardas civis, ao não dar continuidade às investigações, usando o argumento insustentável e incoerente de ausência de provas.

Por último, a conexão entre a migração e a prostituição se destaca através do personagem Massar, um jovem imigrante da Somália, que necessita recorrer a venda de seu corpo para sobreviver à jornada migratória em busca de um lugar mais seguro e com oportunidade de oferecer uma qualidade de vida mínima. Esse paradigma se apresenta, com maior destaque, na cena em que Massar, por não ter outra forma de obter dinheiro para que ele e Adú pudessem comer e se transportar ao Marrocos, acaba se prostituindo com um caminheiro da estrada.

No entanto, é importante ressaltar que, em outro momento do filme, o jovem somaliano relata que, em seu país, já fazia uso de seu corpo para sobreviver. Sendo assim, somente usou uma ferramenta conhecida de sobrevivência para alimentar-se e o seu amigo de travessia. Por fim, o objetivo desse longa metragem é mostrar que os imigrantes africanos que tentam fugir dos seus países em razão da pobreza, da miséria e da violência cotidiana se veem abandonados em situações de extrema vulnerabilidade.

Por meio dos pontos analisados nessa resenha, serão problematizados pontos finais sobre o contexto mencionado até aqui. O primeiro, se trata do poder de influência e da conduta ilegal representada pela manipulação do senhor Neko sobre Adú e pela violência empregada no assassinato de sua mãe.

Em paralelo a isso, com base no mapa dos grupos armados, estudo do Instituto “Fogo Cruzado” em colaboração com os grupos de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI-UFF), se evidenciou um crescimento de 387,3%, entre 2006 e 2021, da área de influência das milícias na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Assim sendo, é evidente que o crescimento das milícias cariocas está vinculado ao poder imposto sobre as zonas periféricas com o uso de aparelhos fornecidos pelo estado para impor a violência brutal àqueles que ameaçam o seu caminho, para regular as comunidades a seu modo e para explorá-la com o controle do fornecimento do gás, do sinal de TV e da internet, com a justificativa de ser o estado provedor de infraestrutura e qualidade de vida. Com isso, podemos elaborar a seguinte questão: por quais motivos o governo não adota medidas efetivas para combater esse inimigo da segurança pública, posto que reconhece a atuação dessas facções como gravíssimas?

Sobre o tema da inexistente punição aos atos criminais dos guardas espanhóis, se evidencia a falta de severidade e rigor para punir as condutas violentas e os abusos contra os imigrantes que tentam atravessar as fronteiras da Espanha. Por sua vez, é possível relacionar o paradigma social apresentado com a percepção do Segato (2016), a qual compreende que a brutalidade dos servidores do estado é um ato proposital para aterrorizar, gerar medo e impossibilitar a resistência social.

Por essa razão, é relevante dizer que o governo não só colabora para a manutenção das mortes e da violência policial contrária aos imigrantes com a omissão feita pela ausência de condenação aos agentes criminosos do estado, como também é viável acrescentar que a máquina pública autoriza e se interessa pelo uso de violência para que as tentativas de atravessar a fronteira espanhola diminua e para que o estado espanhol transmita uma mensagem de controle efetivo de seus territórios. Por isso, questiona-se: compensa ser cúmplice de assassinatos e de atentados contra imigrantes para transparecer ser um governo que administra com eficácia o seu país?

Por fim, em relação ao laço entre a migração e a prostituição, se salienta que a sociedade converte os imigrantes africanos em indivíduos excluídos e aniquilados, ao ponto de terem que usar seus corpos como instrumento de sobrevivência contra a fome e a miséria no percurso da migração. Paralelamente, é factível vincular essa problemática abordada pela ideia de Agamben

(2010), que expõe que a vida desses sujeitos perdem a qualidade de bem jurídico ao negar o seu valor existencial sobre a perspectiva da comunidade global.

Por esse motivo, é viável sinalizar que o mundo começou a normalizar a violência corporal contra os imigrantes africanos, já que veem a condição insustentável de desapropriação do seu aspecto físico como natural, ao os colocarem como sujeitos de nenhum valor social aos olhos da mentalidade ocidental. Consequentemente, é notório indagarmos: por que há uma indiferença mundial em relação ao quadro de comercialização do corpo dos imigrantes africanos?

Portanto, é seguro constatar que o filme consegue cumprir com a sua função dramática, ao apresentar um enredo complexo que mostra e dá relevância à três temáticas de suma importância para a sociedade contemporânea: a influência dos grupos criminosos sobre as comunidades africanas; a impunidade dos guardas fronteiriços espanhóis e o diálogo entre a prostituição e a jornada migrante. Posto isso, essa análise deixa as seguintes reflexões: por que as pessoas ao redor do mundo costumam naturalizar situações de desigualdade? No âmbito geopolítico, que diretrizes podiam ser adotadas contra as posturas indefensáveis dos países que relativizam a conduta violenta dos guardas nas fronteiras, o mercado de prostituição gerado pela migração e o poderio exercido pelas milícias em diversos territórios?

#### Referências:

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GENI/UFF e Fogo Cruzado, 2022, p.24. Relatório Mapa Histórico dos Grupos Armados no Rio de Janeiro. Disponível em:

[https://br.boell.org/sites/default/files/2022-09/relatorio\\_mapa\\_grupos\\_armados\\_geni\\_fogo\\_cruzado.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/2022-09/relatorio_mapa_grupos_armados_geni_fogo_cruzado.pdf). Acesso em 27/11/2022

SEGATO, Rita L. La Guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. E-book. ISBN 13: 978-84-945978-5-5. Disponível em: <https://www.traficantes.net/libros/la-guerra-contra-las-mujeres>. Acesso em 03 nov 2022.